



REGRESSANDO AO ÉDEN DAS ORIGENS: DESCOBERTAS E MEMÓRIAS DO SER EM VARANDAS DA EVA, DE MILTON HATOUM

RETURNING TO THE EDEN OF ORIGINS: DISCOVERIES AND MEMORIES OF BEING IN MILTON HATOUM'S VARANDAS DA EVA

Júlio Lopes Cruz

<https://orcid.org/0000-0002-5982-0367>

Kátia Carvalho da Silva Rocha

<https://orcid.org/0000-0002-9391-0526>

Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho

<https://orcid.org/0000-0003-1367-1893>

Resumo: Objetiva-se com este artigo propor uma leitura do conto Varandas da Eva, de Milton Hatoum, com foco nas vivências da personagem protagonista, estabelecendo discussões acerca da ficção brasileira contemporânea, da memória, do mítico e de processos de iniciação, bem como acerca das marcas do espaço e da temporalidade presentes no corpus desta pesquisa. Dessarte, o estudo fundamenta-se nas contribuições teóricas de Bosi (2022), Carvalho et al. (2023), Coutinho (2015), Eliade (2010, 2018, 2019), Mielietinski (1987), Nora (2012), Pollak (1989, 1992), Resende (2010), Secchin (2018) e Silva (2020). Para tanto, a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo constituiu o percurso metodológico do artigo. Portanto, sendo a memória um registro constituído por múltiplas vivências, é possível se pensar no regresso ao éden das origens como a experiência em que o ser é confrontado com questões inerentes a lida do existir e é essa questão que vai nortear as discussões desta proposta de análise..

Palavras-chave: Espaço; Literatura Regional; Memória; Milton Hatoum; Tempo.

Abstract: This paper aims to propose a reading of Milton Hatoum's short story Varandas da Eva. It focuses on the life experiences of the protagonist character and establishes discussions about Brazilian contemporary fiction, memory, mythical elements, and initiation processes, as well as place and time markers found in this research corpus. Accordingly, this study relies on the theoretical contributions of Bosi (2022), Carvalho et al. (2023), Coutinho (2015), Eliade (2010, 2018, 2019), Mielietinski (1987), Nora (2012), Pollak (1989, 1992), Resende (2010), Secchin (2018), and Silva (2020). For this purpose, qualitative bibliographical research forms the methodological basis of the article. Therefore, since memory is like a film composed of multiple life experiences, it is possible to conceive the return to the Eden of origins as the experience where the being faces questions inherent to the struggles of life, which is the question that guides the discussion in this analysis proposal.

Keywords: Place; Regional Literature; Memory; Milton Hatoum; Time.

INTRODUÇÃO

*Tem lugares que me lembram
Minha vida, por onde andei
As histórias, os caminhos
O destino que eu mudei*

*Cenas do meu filme em branco e
preto
Que o vento levou e o tempo traz
Entre todos os amores e amigos
De você me lembro mais*

Rita Lee

Este artigo é fruto das discussões da disciplina Ficção e Poesia Contemporânea Brasileira, do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Profissional, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, e surge da percepção que a tessitura literária é constituída também por fios narrativos advindos da memória que, por sua vez, é repleta de lembranças de tempos idos, de relações íntimas das personagens com lugares particulares ou de convívio social, datas marcantes ou, ainda, das experiências com outras pessoas, sobretudo aquelas com quem se estabeleceu algum sentimento especial. Desse modo, objetiva-se com este artigo propor uma leitura do conto *Varandas da Eva*, texto integrante da obra *A cidade ilhada*, de Milton Hatoum, estabelecendo possíveis diálogos entre esse *corpus* de pesquisa com questões acerca do espaço, da temporalidade e, por conseguinte, da memória, bem como de pistas referentes ao mítico e ao processo de iniciação, traçando, dessa forma, as marcas da literatura regional proposta pela escrita de Hatoum, nisso reside a relevância deste estudo. É importante frisar que a análise sugerida se ampara em acontecimentos da vida da personagem protagonista do conto, sem nome definido, e na articulação dos elementos anteriormente citados.

De cunho qualitativo, a análise proposta tem por base os empreendidos teóricos de Bosi (2022), Carvalho *et al.* (2023), Coutinho (2015), Eliade (2010, 2018, 2019), Mielietinski (1987), Nora

(2012), Pollak (1989, 1992), Resende (2010), Secchin (2018) e Silva (2020). Além deste conteúdo introdutório, este artigo se divide nas seguintes seções: Regresso ao jardim das origens; Adentrando ao Varandas; Num fim de tarde, reencontros do viver; Considerações finais.

REGRESSO AO JARDIM DAS ORIGENS

É inegável que os dias atuais impõem dinamicidade às atividades humanas por motivos diversos, principalmente, o emprego de competitividade nas relações comerciais e sociais em vigência ou em planejamento. Observa-se, assim, o intenso trânsito nas grandes metrópoles, a urgência de lançamentos de inovadores aparelhos eletrônicos e vestuários da última moda, capazes de auxiliar na satisfação das necessidades humanas, tudo isso só prova “que vivemos num mundo caracterizado por objetos em movimento” (Resende, 2010, p. 103).

A literatura contemporânea brasileira não é indiferente a esta realidade mencionada, uma vez que a escrita literária acompanha os modos da vida que a circunda, pois, o literário possibilita espaços para múltiplas vozes, tanto as que representam centros urbanos mais desenvolvidos como as periféricas, a título de exemplo, como afirma Bosi (2022, p. 414), “A literatura tem-se mostrado sensível às exigências formalizantes e técnicas que, por assim dizer, estão no ar”.

Uma das características da ficção brasileira contemporânea é a diversidade, observamos muitos escritores produzindo obras de inúmeros gêneros narrativos e temas, dessa forma, há aqueles que se debruçam exclusivamente nas peculiaridades e tensões do viver na cidade – desigualdade social, discriminação, miséria, violência, entre outros –, mas há aqueles que se debruçam nas experiências e particularidades do ser.

Milton Hatoum parte na contramão da velocidade dos tempos atuais ao congregar em seus contos fragmentos da memória rememorados em diversos pontos da *cidade-palco de Manaus*¹, uma vez que a literatura regional “procura entender o presente por meio de uma ficção de realidades outrora reais, mas sempre baseada na inter-relação afetiva dos indivíduos e da sociedade” (Carvalho *et al.*, 2023, p. 161). Dessarte, tanto o espaço quanto o tempo são elementos fundamentais em toda a estrutura narrativa.

O conto *Varandas da Eva* inicia com a identificação de um lugar. Não é um mero estabelecimento de passagem, mas *o lugar*² que por meio de uma experiência lá vivenciada, tornou-se um espaço inesquecível para a personagem protagonista. Considerando as sucessões de imagens e palavras, impera, no conto em estudo, a oportunidade de um possível regresso ao “éden dos acontecimentos vividos” em uma revisitação *in illo tempore*, isto é, em tempos remotos.

O narrador-personagem, protagonista da narrativa e sem um nome especificado, indica o devido retorno ao tempo pretérito quando introduz uma primeira caracterização do espaço a ser revisitado em sua memória: “Não era longe do porto, mas naquela época a noção de tempo era outra. O tempo era mais longo, demorado, ninguém falava em desperdiçar horas ou minutos” (Hatoum, 2014, p. 7). Entende-se que “De fato, as contribuições de Milton Hatoum destacam a tendência contemporânea do regionalismo literário de resgate afetivo, em que olhar para o passado é fundamental para a construção narrativa. O tempo, nessa perspectiva, é capaz de sustentar a narrativa literária” (Carvalho *et al.*, 2023, p. 165).

¹ Isto é, a cidade de Manaus como espaço de múltiplas experiências vivenciadas por seus habitantes, sobretudo, por aqueles colocados à margem, que vivem em meio a realidades contrastantes, como, por exemplo, a riqueza da Zona Franca e a poluição dos riachos que cortam a cidade, provocando, por conseguinte, problemas de saúde. O termo se refere, ainda, aos locais de convívio social, assim como os mitos e ritos propagados por ensinamentos orais e processos de iniciação.

² Espaço importante para o desenvolvimento da narrativa em estudo.

Considerando que “o conflito entre o significado e imagem faz parte da própria expressão simbólica” (Mielietinski, 1987, p. 56), a paisagem de uma “cidade ilhada”, proposta no título do livro, evoca a imagem de uma porção de terra distante da insistente pressão pela aguda necessidade do emprego da velocidade nas relações sociais: “Desprezávamos a velhice, ou a ideia de envelhecer; vivíamos perdidos no tempo, as tardes nos sufocavam, lentas: tardes paradas no mormaço” (Hatoum, 2014, p. 7). Na inquietação provocada pelo tempo abafado e quente, característico de terras manauaras, a figura “de tardes paradas” possibilita a representação da existência de um acontecimento particular, vivenciado em determinada fase da vida da personagem protagonista, que deixou resquícios inquietantes em sua memória, permitindo a ilustração de um episódio voraz que nem mesmo as torrenciais chuvas amazônicas são capazes de amenizar.

Sendo o ambiente aspecto de influência “sobre a estória [...] conjunto de elementos materiais ou espirituais que formam o local onde vivem os personagens e se desenvolve a ação” (Coutinho, 2015, p. 60-61) e considerando a importância de “registrar que o ato de lembrar desvelado nas narrativas ficcionais se constrói a partir de pontos de referência, tais como, lugares, datas, costumes, pessoas, acontecimentos, etc” (Silva, 2020, p. 146), o narrador-personagem direciona seu retrospectivo olhar para locais de convívios sociais em que a própria memória do ser se cristaliza e se refugia (Nora, 2012), posto que

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração (Pollak, 1992, p. 2-3).

São mencionados pelo narrador-personagem os seguintes espaços: Fast Club, o antigo Barés e os navios da Booth Line. Os

ambientes descritos viabilizam, dessarte, recordações distintas, tais como as amizades construídas, conquistas amorosas, desavenças, bem como as dificuldades enfrentadas. Nas palavras de Secchin (2018, p.14), “Somos tudo aquilo o que sobrevive em nós frente às ruínas de tudo aquilo que não foi possível apagar”. Os ambientes privados e os cenários dos grandes eventos históricos são pontos de uma conseqüente saudade e possível recuperação de um tempo passado, no entanto, presentificado na memória do indivíduo.

Ademais, ao rememorar espaços, o narrador-personagem salienta a importância da primeira ocorrência de determinadas ações ao sugerir a imagem de “atores e cantores nos camarins, exibindo-se nervosamente diante do espelho, antes da primeira cena” (Hatoum, 2014, p. 7). Desse modo, há a constatação de experiências primeiras imprescindíveis na construção do ser. Nota-se, portanto, que “A **memória é seletiva**. [...] O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (Pollak, 1992, p. 4-5, grifo do autor). Assim, diante de inúmeros momentos guardados na memória individual da personagem protagonista, a narrativa de Milton Hatoum traz à baila questões acerca dos impactos ocasionados pela insurgência das primeiras cenas da mocidade do ser-humano.

No elencar dos ambientes, se destacam, ainda, os marcados pelo mistério. Locais de experiências únicas como, por exemplo, a primeira relação sexual de um homem, tal como posto no conto **Varandas da Eva** que cita, desde as primeiras linhas, um balneário de nome homônimo ao título do texto, insurgindo a ideia de um espaço especial: “Mas aquele lugar, Varandas da Eva, ainda era um mistério” (Hatoum, 2014, p. 7). Para se ter acesso a este espaço misterioso é exigido que o indivíduo vivencie ritualísticos processos de preparação, marcados pela sucessão de dias, a evolução física do próprio corpo e a aquisição dos instrumentos necessários. Eliade

(2018, p. 153) afirma que: “A iniciação comporta geralmente uma tripla revelação: a do sagrado, a da morte e a da sexualidade. A criança ignora todas essas experiências; o iniciado as conhece, assume e integra em sua nova personalidade”, assim sendo, “A iniciação equivale ao amadurecimento espiritual, e em toda a história religiosa da humanidade reencontramos sempre este tema: o iniciado, aquele que conheceu os mistérios, **é aquele que sabe**” (Eliade, 2018, p. 154, grifo do autor).

A personagem protagonista do conto em análise encanta-se por este lugar, o Varandas da Eva, um prostíbulo na cidade de Manaus. A ida a este recinto é aguardada também por seus três amigos: Minotauro – fortaço e afoito; Gerinélson – paciente e melindroso; Tarso – o mais envergonhado e triste. Cada rapaz e suas próprias características, mas um único objetivo: adentrar ao Varandas. Como de costume em diversas localidades, rapazes tinham a sua primeira relação sexual em famosos cabarés com mulheres adultas, conseqüentemente, muitos se tornavam frequentadores fiéis desses locais, como tio Ran, por exemplo, “um homem bastante experiente” e “de palavra”, aquele que oportunizaria aos meninos a primeira ida ao recinto desejado, obviamente, quando crescessem um pouco mais.

Na brevidade do conto, marca do gênero, após ser apresentada a intenção dos meninos, há um salto narrativo que aponta a chegada do grande dia: ida ao Varandas. Tio Ran cumpre a promessa que fez e entrega ao quarteto um maço de cédulas, instrumento indispensável para adentrar ao recinto desejado: “Contamos as cédulas: dava e sobrava, era a nossa fortuna” (Hatoum, 2014, p. 8). Munidos com o dinheiro, símbolo de poder de um homem adulto em uma sociedade capitalista e conservadora, o grupo, agora, encontra-se próximo à revelação do mistério. Paradoxalmente, a entrada do narrador-personagem ao éden – “o paraíso”, Varandas da Eva – o levará ao “inferno emocional” que

perdurará até o reencontro com aquela que muito o seduziu. Tal qual Adão e Eva após a consumação do pecado original, há expulsão da zona de conforto e a conseqüente lida com a aspereza da vida adulta.

ADENTRANDO AO VARANDAS

Às vésperas do instante tão esperado, são dados indicativos da proximidade de um ritual de acesso ao paraíso, uma porta estreita e trilhas curvas, pois, o caminho que conduz à zona do sagrado é “árduo, semeado de perigos, porque é efetivamente um rito de passagem do profano ao sagrado; do efêmero e do ilusório à realidade e à eternidade; da morte à vida; do homem à divindade” (Eliade, 2019, p. 26). Avista-se um ambiente cativante e misto de luzes e sombras: “Era uma construção redonda, de madeira e palha, desenho de oca indígena. Mesinhas na borda do círculo, um salão no meio, iluminados por lâmpadas vermelhas. Uns casais dançavam ali, a música era um bolero” (Hatoum, 2014, p. 9). O espaço circular indica a “ideia de movimento, de mudança de ordem ou de nível” (Chevalier; Gheerbrant, 2020, p. 304). No que tange as luminárias “é também a antiga lâmpada vermelha das casas de tolerância, o que poderia parecer contraditório, pois ao invés de proibir, elas convidam” (Chevalier; Gheerbrant, 2020, p. 1030), logo, “Ninguém diz sim ao vermelho, só os que foram expulsos do convencional” (Soares Filho, 2014, p. 142)³, no caso do conto, a passagem a outra realidade, isto é, da mocidade à vida adulta.

A entrada atrativa, na morada do mistério, propicia o contato visual com os adereços expostos nos cantos do recinto, responsáveis por aguçar os prazeres dos rapazes entorpecidos por um aroma de açucena vindo do mato. Chegado o dia propício para a

³ Trecho do conto *Convulsão Cromática*, parte integrante do livro *Osculário (lacrado)*, do escritor imperatrizense Antônio Coutinho Soares Filho, professor/pesquisador da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul – Campus Imperatriz).

consumação do momento tão esperado, rituais de passagem se cumprem e, uma vez atestado como preparado para o ato em si, o jovem é iniciado, rompendo a fronteira entre a criança e a fase adulta, desvendando o mistério para alçar o estado de plenitude tão ansiado, estando próximo à sua primeira experiência sexual.

Entre luzes e outros frequentadores do estabelecimento, a personagem protagonista é atraída pelo olhar de uma mulher cativante que o encara “com olhos acesos, cor de fogo, de *gata-maracajá*” (Hatoum, 2014, p. 9, grifo nosso). A felina e noturna figura feminina convida-o, primeiramente, para uma dança: preparação ritualística imediata e necessária para o instante primordial. Dançam três músicas, número que dá indícios de sinais de completude, uma vez que “as danças imitam sempre um gesto arquetípico ou comemoram um momento mítico. Em suma, são uma repetição e, por consequência, uma reatualização *daquele tempo*” (Eliade, 2019, p. 35, grifo do autor). Assim, dá-se a irrupção do sagrado “que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje” (Eliade, 2010, p. 11). Ambos com seus corpos molhados, a mulher gata-maracajá percebe a ânsia de seu prisioneiro, levando-o para outro caminho rumo às casas vermelhas e avarandadas às beiras de um igarapé.

Surge um caminho largo. É tempo de provar de afrontosos frutos. Caminhos distintos tal qual as portas bíblicas, da “perdição” e da “Vida Plena”. Há a fuga de uma vida rotineira, que pode ser entendido como a iniciação aos prazeres sexuais, portanto, da carne. Mistério a ponto de ser revelado em uma noite de sexta-feira do mês de setembro. Representação da “Paixão” e da “Plenitude” da consumação de um desejo, dado que, “quanto à união sexual, ela simboliza a busca da unidade, a diminuição da tensão, a realização plena do ser” (Chevalier; Gheerbrant, 2020, p. 912). Outra vez, a feitura da literatura regional é reforçada no conto de Milton Hatoum, pois, “É

⁴ Felino típico da região amazônica.

a partir do mito, da lenda e do costume que as narrativas regionais se edificam” (Carvalho *et al.*, 2023, 162).

O casal se direciona a um recinto. Portas fechadas e janelas entreabertas, há, assim, uma sugestão erótica, que desperta, não que seja essa a intenção da narrativa, a curiosidade do leitor. Nas palavras da personagem protagonista, uma noite sem cochilos e muito risos, “de só prazer” (Hatoum, 2014, p. 10). A mulher, por vontade própria, não tem o nome revelado: “Meu nome? Tu não vais saber, é proibido, pecado. Meu nome é só meu. Prometo” (Hatoum, 2014, p. 10).

Chegando próximos do nascer das luzes do astro-rei, é recomendado a retirada do visitante. Os momentos de êxtase têm fim. Preservando as máscaras da noite, ambos não podem reconhecer seus rostos, assim como nas *terças-feiras gordas de carnaval*⁵ em que cada brincante porta seu misterioso adereço para esconder sua identidade. Numa sociedade tradicional, obedecer às leis conservadoras e morais é necessário.

Com a água do igarapé mais escura que o céu noturno, é o instante de deixar o chão úmido do jardim rumo ao deserto da vida. Entretanto, tendo provado de um vinho sedutor, é irresistível a tentação da repetição. O “agora homem” descobre que muitos acontecimentos são únicos, podendo ser revividos apenas na memória. Um reencontro corpo a corpo com a mulher misteriosa torna-se irrealizável. Para ele, é impossível banhar-se exatamente nas mesmas águas de gozo e volúpia.

NUM FIM DE TARDE, REENCONTROS DO VIVER

Depois do encontro, o impacto foi tanto que a mulher, antes apenas misteriosa, transforma-se em ser amado e sua procura torna-se rotina para o rapaz apaixonado. Inúmeras vezes ele volta ao

⁵ Referência a terça-feira de carnaval. Dia de excessos, vésperas de retiro quaresmal.

Varandas ou adentra em outros clubes em busca da misteriosa mulher. Contrariando o destino aparentemente imposto, o jovem rapaz insiste na realização de seu desejo primordial, isto é, reviver aquela noite que deixou profundas marcas em sua memória, conforme suas próprias palavras ao caracterizar seu viver presente: “Tia Mira dizia que eu estava babado de amor. Estás tonto por uma mulher, ela ria, observando meu devaneio triste, meu olhar ao léu” (Hatoum, 2014, p. 10). Envolvido por tal amor, o homem vê-se cercado por incertezas e mistérios que o acompanharão por grande parte de sua vida, uma vez que, de acordo com Nora (2012, p. 9):

A Memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] se alimenta de memórias vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções.

11

Assim como os encontros, os desencontros também marcam o viver. O homem convive com a ausência da mulher que o seduziu no Varandas. É a dor provocada pela falta desta figura feminina que será recorrente ao longo da vida da personagem protagonista. Entretanto, a ausência da comunicação verbal, de sua presença e do contato físico não configuram o término desta história de amor, uma vez que a inesquecível experiência será constantemente rememorada no caminhar deste indivíduo. Recorrendo aos versos de uma famosa canção: “Desenhos que a vida vai fazendo / Desbotam alguns, uns ficam iguais”⁶.

Aproximando-se do desfecho do conto, o narrador-personagem indica um novo salto narrativo, expondo, assim, as disposições dos dias:

⁶ Trecho da canção *Minha vida*, interpretada pela cantora brasileira Rita Lee.

Anos depois, num fim de tarde, eu acabara de sair de uma vara cível, e passava pela Avenida Sete de Setembro. Divagava. E já não era jovem. A gente sente isso quando as complicações se somam, as respostas se esquivam das perguntas. [...] Alguém que olha para trás e toma um susto: a juventude passou (Hatoum, 2014, p. 12, grifo nosso).

Os dias passam e no perceber o avançar da idade, o ser sente em seu corpo o peso ocasionado por toda a bagagem de experiências acumuladas ao longo dos dias já vivenciados. Embora esteja cada vez mais munido de vivências, a vida não é capaz de oferecer respostas prontas às dúvidas. Inclusive, as incertezas são como uma fiel companhia no caminhar da vida. De forma repentina, os dias passam. O presente é palco de lamentações e das vozes que permeiam a memória e de indagações acerca dos desencontros. A juventude é um estágio pretérito, agora, na idade madura é a ocasião para se despirmos dos excessos e seguir a vida rumo a foz. É fim de tarde, entretanto, ao vaguear por uma avenida, as possibilidades são largas. Fim de dia, tempo para rememorar tudo o que vivenciou. Vê-se, novamente, que os estágios do dia e as datas marcam a memória do sujeito.

O corajoso ato de existir não tem sua ação sempre desenvolvida em estradas retilíneas e guardadas por prévios anúncios da forma como se sucederá o momento presente. É preciso e urgente lançar-se ao desconhecido. Torna-se mister atravessar o caminho e, quando necessário, parar, uma vez que no sossego conquistado pelo amadurecimento do corpo e da mente é possibilitado o discernimento acerca daquilo que sempre se buscou respostas.

Quando andava diante do Palácio do Governo, decidi descer a escadaria que termina próxima à margem do igarapé; parei no meio da escada e me distraí com a visão dos pássaros pousados nas plantas que flutuavam no rio cheio. Foi então que eu vi, numa canoa, um rosto conhecido. Era Tarso. [...] O corpo do meu amigo, curvado pelo peso, era o de um homem. [...] À porta apareceu uma mulher [...] Num relance, ela ergueu a cabeça e me encontrou (Hatoum, 2014, p. 12).

Em um ambiente natural e contemplando a paisagem à margem de um igarapé, o ser revive a primeira ida ao Varandas. A força dos impiedosos ventos não foi capaz de afastar da memória tudo o que lá foi vivenciado e o seu olhar encontra a figura feminina que o fez renascer para a vida, sendo, de fato, um homem. Dessa forma, vê-se que “Os lugares de memórias são, antes de tudo, restos” (Nora, 2012, p. 12), visto que a memória é “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (Nora, 2012, p. 9).

Eliade (2010, p. 174) ressalta que “Poder-se-ia quase dizer que o conto repete, em outro plano e por meio de outros meios, o enredo iniciatório exemplar. O conto reata e prolonga a ‘iniciação’ ao nível do imaginário”. Isto posto, considerando que a personagem protagonista abandona a pressa cotidiana e passa a contemplar a paisagem, ocasionando o reconhecimento de olhares, o silêncio é desfeito: “A voz dela chamou: Meu filho! A mesma voz, meiga e firme, da moça, da mulher da casinha vermelha, no balneário Varandas da Eva. Era a mãe do meu amigo?” (Hatoum, 2014, p. 12). Pollak (1989, p. 9) afirma que: “Nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões, como mostrou Dominique Veillon, são de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores”, no caso do conto, a voz da mulher.

Segredos são revelados e os questionamentos revelam-se maiores. A mulher gata-maracajá é mãe do misterioso Tarso, o mais envergonhado e triste personagem, amigo do narrador-personagem. Em meios aos pássaros que buscam refúgios às margens de um refrescante rio, “a memória foi abrindo brechas, compondo o corpo daquela noite” (Hatoum, 2014, p. 12), pois “a memória é um absoluto e a história só reconhece o relativo” (Nora, 2012, p. 9). Ao experimentar novamente do gozo sentido naquela noite nunca esquecida, o homem decide ir embora e não mais voltar àquele lugar, uma vez que “não voltar mais à margem do igarapé significa que o

homem prefere sonhar, fantasiar e criar um universo ficcional a partir da representação da realidade, como válvula de escape do mundo real” (Silva, 2020, p. 152). É preciso seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida do conto *Varandas da Eva*, neste artigo, articulou possíveis diálogos entre espaço, temporalidade, memória, o mítico e processos de iniciação, bem como traçou marcas da escrita regional de Milton Hatoum que congrega em si todos estes elementos mencionados. Em *Varandas da Eva* são apresentados fragmentos da memória da personagem protagonista, desde infância/juventude à aridez da vida adulta, evidenciando, assim, suas aflições, angústias, desejos, encontros e desencontros, dessa forma, se dá o regresso ao éden das origens, isto é, na recordação daquilo que o ser viveu, com foco na sua primeira experiência sexual e nos desdobramentos deste ato.

Desse modo, percebe-se que as vivências do narrador-personagem constroem o fio condutor da narrativa, em que os ambientes de convívio, os acontecimentos marcantes, sobretudo as tantas primeiras vezes, as relações amorosas e familiares, assim como objetos do cotidiano e os símbolos religiosos exercem influência na formação do indivíduo, que embora seja individual, é moldado pela ação de muitos, assim, a memória é coletiva.

Quanto à marca regionalista proposta pelo escritor amazonense, ela é edificada com a presença de aspectos/enredos míticos, principalmente, daqueles que manifestam os inícios, assim como sua íntima lida com a imagem do espaço, do tempo e da força criadora que advém do feminino, relacionando, por conseguinte, com o local de inspiração de seus escritos, o amazônico. Regressando ao éden das origens, o ser humano confronta-se com suas memórias e descobertas.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 54. ed. São Paulo: Cultrix, 2022.

CARVALHO, A. C. T. de B.; DOS SANTOS, M. S. dos; DA COSTA, W. L. Órfãos do Eldorado: raízes da regionalidade na ficção amazonense. *Revista Diálogos*, Cuiabá, v. 11, n. 1, p. 160–174, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/13886>. Acesso: 7 jul. 2024.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva; Raul de Sá Barbosa; Angela Melim; Lúcia Melim. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

COUTINHO, A. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

ELIADE, M. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. 6. ed. 3. reimpress. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Coleção Debates, 52).

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. (Coleção biblioteca do pensamento moderno).

ELIADE, M. *O mito do eterno retorno*. 1. ed. Lisboa, Edições 70, 2019.

HATOUM, M. *A cidade ilhada: contos*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

MIELIETINSKI, E. M. *A poética do mito*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1987.

NORA, P. Entre Memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khouty. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 10, dez, p. 7-28, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 8 mar. 2024.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 30 jul. 2024.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Revista Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pggedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 20 mar 2024.

RESENDE, B. A literatura brasileira num mundo de fluxos. *Terceira Margem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da*

Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós Graduação, Rio de Janeiro, ano 14, n. 23, jul-dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10951>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SECCHIN, A. C. *Percursos da poesia brasileira*: do século XVIII ao século XXI. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Editora UFMG, 2018.

SILVA, T. S. e. Literatura, memória e identidade no conto Varandas da Eva, de Milton Hatoum. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 1, n. 66, p. 143–156, 2020.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/35586>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SOARES FILHO, A. C. *Osculário (lacrado)*: Contos. Brasília: Editora Kiron, 2014.

Enviado em: 07 de outubro de 2024
Aprovado em: 07 de novembro de 2025